



O retorno às raízes, por Christiane Tigges

Impressionantes avanços, com destaque para as áreas da tecnologia e comunicação marcaram estas últimas décadas. O homem se colocou num pedestal diante da natureza e a cada nova descoberta aumentam, o tamanho deste pedestal e os aplausos da comunidade globalizada. Vive-se um êxtase no qual sentimo-nos confortados com a ilusão de que seremos capazes de achar uma solução para todas as interferências que geramos no meio ambiente. Considerando a longínqua distância que nos separa do equilíbrio da natureza, faz a idéia, de que o ser humano está no topo da hierarquia dos seres vivos, parecer uma ironia.

Perdemos o vínculo com o meio natural, e nosso conhecimento se transformou numa arma com a qual subjugamos e subjugaremos a terra até a exaustão completa. E ainda constatamos que o benefício gerado pelo uso indiscriminado e abusivo dos recursos naturais, é apenas usufruído por pequena minoria.

O custo ambiental e social do capitalismo global dificilmente é levado em conta; a busca frenética pelo crescimento econômico contínuo e indiferenciado, num planeta de recursos naturais limitados, inexoravelmente levará à catástrofe. Na revista européia *The Ecologist*, países orientais como Coréia do Sul e Taiwan foram citados pelo Banco Mundial, como modelos a serem seguidos pelos países de terceiro mundo, devido ao crescimento impressionante que tiveram nos anos 90. Mas pouco se fala do fato de que em Taiwan, por exemplo, quase todos os grandes rios estão gravemente poluídos pelas indústrias e pelo veneno usado na agricultura, não há mais peixes e a água pega fogo em alguns lugares, o nível de poluição do ar é o dobro do considerado inadmissível nos Estados Unidos, o número dos casos de câncer por segmento de população dobrou desde 1965; que é o país com o maior índice de hepatite do mundo; e dificilmente os lucros gerados por este crescimento, serão aplicados no saneamento do meio, dada a competitividade econômica global, que tem como direcionamento prioritário, baixar ao máximo, o custo da produção industrial.

A orientação econômica atual defende, que países pobres devem produzir alguns poucos produtos em larga escala, a fim de obter moeda estrangeira e poder importar grande parte das demais mercadorias. Esta ênfase está depauperando os recursos naturais, esgotando lençóis freáticos, induzindo à monocultura com todos os seus riscos e forçando o êxodo rural. Com o sucateamento da produção local, a distância da "terra à mesa", está aumentando dramaticamente. Nos Estados Unidos cada bocado de alimento, viaja em média, 1600 km antes de ser comido; este é mais um fator que aumenta a carga imposta ao meio ambiente, pois aumenta a necessidade de rodovias, aeroportos e portos, solicitando áreas de florestas, mangues e habitats litorâneos; ainda, com o maior volume de transportes aumenta a poluição do ar e a possibilidade de derramamentos de petróleo e outros produtos químicos. Estudos feitos na Alemanha indicam que a contribuição da produção não local de alimentos para o aquecimento global é de 6-12 vezes maior do que a da produção local, devido às emissões de CO₂.

O impacto da instabilidade climática e da destruição do ozônio na atmosfera, geradas pelas atividades humanas, recai principalmente sobre os países do hemisfério sul, segundo o ativista Vandana Shiva, por serem regiões mais dependentes da agricultura e vítimas também das multinacionais que para lá deslocam suas indústrias poluentes e baseadas no uso intensivo dos recursos naturais; em resumo: "os recursos vão dos pobres para os ricos, enquanto a poluição vai dos ricos para os pobres".

A destruição do ambiente natural está diretamente relacionada com o fim do modo de vida tradicional e autosuficiente das comunidades rurais, e as legislações ambientais, o primeiro passo na tentativa de resgatar o que ainda resta, são consideradas um atrapalho para a fluência do "livre comércio", um empecilho que atravanca o questionável progresso. A

degeneração que povoa a mente da grande massa, só consegue perceber o lucro financeiro, como o único valor a ser almejado.

"Precisamos fazer do resgate do meio ambiente, o organizador central da civilização" - esta frase de Al Gore (1992), resume claramente, o rumo que deveríamos tomar. Muitos aspectos poderiam ser abordados, seguindo esta linha de pensamento; hoje vamos dar um enfoque à produção de alimentos.

As antigas práticas agrícolas de reproduzir, armazenar e trocar sementes, estão sendo banidas para a ilegalidade, enquanto produtos patenteados e protegidos por "direitos de propriedade intelectual", tomam o seu lugar. É o caso, por exemplo, da soja transgênica, projetada pela Monsanto para resistir especificamente ao herbicida Roundup, da mesma empresa, com o intuito de aumentar as vendas deste último produto. Além disso, a cobrança de "taxas de tecnologia" e a chamada "tecnologia terminal", que visa produzir plantas com sementes geneticamente esterilizadas, tornam o agricultor cada vez mais dependente e incapaz de produzir novas safras, principalmente em países de terceiro mundo, onde 80 por cento das plantações são feitas a partir de sementes guardadas da última safra.

Assim a biotecnologia está escrevendo um novo capítulo sobre a ambição humana; por um lado podemos observar gigantes empresariais satisfazendo sua fome por lucro, por outro, a fome por alimento continua assolando milhares de pessoas, enquanto grandes safras são desperdiçadas, manipuladas por artefatos econômicos, chegando a preços irrisórios e perdendo sua função de alimentar. Parece que a produção de alimentos está sendo transformada num monopólio; só a Monsanto comprou parte das maiores empresas produtoras de sementes, no Brasil e na Índia. Nos últimos 30 anos, a produção de alimento superou em 16 por cento o aumento da população mundial, um dado que nos indica que a fome não tem relação direta com a produção de alimento e sim, com os meios de produção e distribuição, controlados pela poderosa minoria, detentora da tecnologia química e genética.

Mas a chama do bom senso não se apagou e o ressentimento contra a globalização econômica vem crescendo, em busca de uma alternativa. Desta maneira, a agricultura orgânica, vem sendo apresentada como uma solução viável que na verdade se constitui em uma reinvenção daquilo que se pratica há séculos. É necessário compreender que numerosos, complexos e interdependentes ciclos ecológicos, se sucedem entre organismos vivos, o ar e o solo, movidos pela energia solar, e que a intervenção humana intempestiva os altera totalmente. Em se plantando várias espécies vegetais em esquema rotativo e/ou consorciado, se torna possível, haver um equilíbrio entre estes ciclos que favorece também o controle natural sobre as pragas. Nas monoculturas, as pragas tendem a se reproduzir assustadoramente e quando combatidas com venenos, levam também à erradicação de seus predadores, o que é totalmente indesejável, porque perdemos a natureza como aliada, e teremos que lançar mão, de venenos cada vez mais potentes.

Na agricultura orgânica, os adubos químicos são substituídos por esterco e resíduos vegetais, tendo como resultado um aumento do conteúdo de carbono no solo, o que contribui para a redução do aquecimento global. O físico Amory Lovins estima que o aumento do conteúdo de carbono nos solos esgotados do mundo inteiro, poderia contribuir de forma significativa para que o CO₂ emitido pelas atividades humanas, fosse totalmente reabsorvido.

Pode parecer um sistema retrógrado, numa época em que a automatização e a mecanização são diretrizes básicas, pois as fazendas orgânicas se baseiam mais no trabalho humano do que no uso da energia elétrica e química; são menores, trabalhadas pelos proprietários e mais voltadas para a comunidade. Mas as vantagens são óbvias: seus produtos são diretamente vendidos ao consumidor, economizando-se energia, combustível e embalagens, com grande

benefício para o consumidor que, além de conhecer a procedência, tem a disposição, alimentos frescos e sem veneno.

Esta tendência está ganhando espaço; em mais de 130 países, há agricultores que trabalham num sistema de agricultura sustentável, onde a criação de animais e o cultivo de vegetais variados, contribuem para a manutenção dos ecossistemas acima e abaixo do solo, formando agrupamentos ecológicos com grande tendência para a sustentabilidade. A área total cultivada por métodos sustentáveis, é estimada em mais de 07 milhões de hectares. No sul do Brasil, o uso de cultivos protetores para aumentar a atividade do solo e a retenção de água, possibilitou que 400.00 agricultores, aumentassem em 60 por cento, suas safras de milho e soja.

Os ecossistemas naturais são cíclicos, a matéria circula continuamente, fornece alimento para os organismos vivos, que geram resíduos, os quais por sua vez alimentarão outros organismos vivos, de modo que o saldo final de resíduos de um ecossistema natural é zero. Já os sistemas humanos, industriais, são lineares, usam recursos naturais, transformam-nos em produtos e resíduos, os produtos serão comprados e consumidos pelo consumidor, que vai gerar mais resíduos após o uso deste produto. Este gigantesco saldo de resíduos que por si só, já gera um problema grave de logística e poluição, reforça a idéia de que o princípio básico, para que qualquer projeto se torne ecologicamente viável, é que "resíduos são alimentos".

Viajando pelo Paraná ou Mato Grosso ou outros tantos lugares, rodamos às vezes, centenas de quilômetros vendo, até onde o olho alcança, apenas campos onde crescem monoculturas, mantidas artificialmente com venenos e adubos químicos, campos de morte, onde a natureza perdeu a batalha - campos de morte não porque produzem soja ou milho, mas sim porque refletem a mediocridade do ser humano incapaz de respeitar as leis naturais; impulsionado pela ganância, elimina os últimos resquícios de vegetação nativa com todas as suas formas de vida, permitindo que os venenos agrícolas sejam levados para os rios pelas chuvas, além de se intoxicar deliberadamente, com alimentos quimicamente contaminados, sem dar importância às conseqüências.

Portanto, invente um modo de incentivar a agricultura orgânica, na tua cidade, no teu bairro, no supermercado, na tua casa. Comece a gostar de vegetais mais pintadinhos, enrugados ou imperfeitos; você estará se aproximando mais da terra, estará começando a reconstruir o elo destruído entre homens e natureza.

* Se você tiver interesse pode contatar a **ACOPA** (Associação de Consumidores de Produtos Orgânicos do Paraná): www.consumidororganico.hpg.com.br; acopa2003@ig.com.br; darolt@iapar.br; acopa@creapr.gov.br.

Bibliografia consultada e sugerida:

CAPRA, F. As conexões ocultas, São Paulo, SP: ed. Pensamento-Cultrix, 2002. 296 p.